



A "paradinha" da Bateria S.A., performance que garantiu ao grupo o primeiro lugar no 1º Grand Prix de Baterias Universitárias de São Paulo

Foto: Bruno Callegari

Batidas universitárias

A organização e o aprimoramento trazidos pela Administração a atividades "extracurriculares"

por Carina Flosi e João Novaes

A cada ponto conquistado nos tradicionais jogos universitários, as baterias formadas por estudantes ecoavam nos ginásios sem muito ritmo e com pouco nível técnico. O único objetivo era mesmo unir a torcida aos jogadores e usar os criativos gritos de guerra como instrumentos eficazes para dispersar a concentração dos times adversários. Porém, com o passar dos anos, esses grupos foram ficando cada vez mais organizados, numerosos e aprimorados, e tornaram-se uma das atividades "extracurriculares" mais populares no meio acadêmico. Essa transformação ocorreu, em grande parte, graças aos alunos de Administração, que puderam aplicar nessas organizações as técnicas de gestão aprendidas em sala de aula, e ocupam postos de comando em várias delas.

Algumas baterias chegam a ser remuneradas para tocar em festas, baladas e casamentos, longe, no entanto, de torná-las uma atividade economicamente sustentável -todas dependem de parcerias e aportes vindos das atléticas ou centros acadêmicos. "Os instrumentos são muito caros. Só um bumbo custa R\$ 700. Não precisamos comprar todo ano, mas também se gasta muito com a manutenção", explica Igor Fonseca, 19 anos, um dos responsáveis pela administração da Bateria S.A, da Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis da Universidade de São Paulo (FEA-USP).

Outra atividade, fonte de renda alternativa, foi criada pela bateria Tatu Bola, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em 2001, os integrantes tiveram a idéia de gravar

CDs com paródias de sambas-enredo, que desde então ajudam a pagar os custos. Já são cinco os discos lançados. Além de enaltecer a FGV nas músicas, também as utilizam para provocar as torcidas adversárias. "Tudo é uma grande brincadeira. Acho que o espírito da bateria está na união e na confraternização, isso é mais importante do que as próprias festas, torcidas e conquistas. Todos que entram aqui não sabem tocar de início, começam do zero", afirmou Bruno Nogueira, diretor da Tatu Bola.

Há casos em que a bateria foi incorporada pelos alunos. Nascida como uma torcida organizada, a Invasão Vermelha Mackenzista era composta e organizada por músicos contratados de escolas de samba, sem vínculo com a faculdade da Administração. "Era um erro, tinha muita gente de fora. Não tínhamos um grupo homogêneo, nem mesmo repertório ou instrumentos próprios", conta Urian Inhauser, mestre da bateria. Tudo mudou quando, em 2007, os estudantes assumiram

As principais baterias de ADM de São Paulo

		Data de Fundação	Número de integrantes	Site
	Bateria S.A. FEA-USP	1993	60	www.bateriasa.com.br
	Bateria Tatu-Bola FGV	1990	50	www.atleticagv.com.br/wordpress/bateria-tatu-bola/
	Bateria FEA-PUC FEA-PUC	2002	35	www.atleticaleaoxiii.com.br/
	Invasão Vermelha Mackenzista Mackenzie	2007	40	http://invasaovermelha.wordpress.com/contrate-bateria/
	Bateria ESPM ESPM	1995	35	http://www.atleticaespm.com.br/bateria.htm
	Bateria Imperial Insuper	2007	30	(em construção)



a direção da bateria e passaram a administrá-la diretamente. Após a reformulação, segundo Urian, ocorre uma verdadeira identificação entre a bateria, os alunos e a faculdade.

Reconhecimento

No último mês de dezembro, na quadra da escola de samba Barroca Zona Sul, em São Paulo, foi realizado um concurso, o 1º Grand Prix de Baterias Universitárias, envolvendo oito faculdades e a grande vencedora foi a Bateria S.A., da FEA-USP. Em uma disputa acirrada, o grupo "convenceu" os três jurados com suas encantadoras "paradinhas" durante a apresentação de quase meia hora e foi o primeiro colocado com nota máxima nos quatro critérios avaliados por três jurados: criatividade, equalização, ritmo e andamento. Além da premiação em dinheiro, no valor de R\$ 3 mil, o grupo terá o *prazer* de tocar na quadra da Mangueira, no Rio de Janeiro, em fevereiro.

“**Tem muito a ver com o curso. Comparo a bateria ao meio organizacional ou a uma instituição”**

André Herzog Kehde,
mestre de bateria da FEA-PUC

Reconhecida até mesmo pelos adversários como o grupo mais forte dos últimos anos em São Paulo, a Bateria S.A. conta atualmente com 60 membros fixos e coleciona uma série de conquistas. Mas a chave desse sucesso não se resume somente aos dotes artísticos dos músicos: para ter atingido o topo, ela passou a ser gerida de forma profissional. Igor Fonseca avalia que geren-

ciá-la é um grande laboratório para o mercado de trabalho. "Aprendemos, na prática, a aplicar as técnicas recebidas em diferentes disciplinas. Acho que os maiores desafios são o gerenciamento do orçamento fixo que recebemos todos os anos do Centro Acadêmico Visconde de Cairu e a manutenção constante da integração dos alunos", conta o estudante.

A opinião é partilhada por seus principais "concorrentes" nos demais cursos de Administração. Todos têm suas próprias baterias comandadas por diretores (ou "mestres") que tratam sua função como uma atividade muito mais significativa do que um simples hobby. Ao mesmo tempo em que aplicam os conhecimentos adquiridos para dinamizar o funcionamento da bateria, os estudantes também aprendem com as experiências acumuladas nos eventos e ensaios.

"Certamente, é necessário ter uma base, principalmente para saber como administrar nossa verba. Temos uma captação de renda baixa e com o que arrecadamos temos de espremer nossos custos ao máximo. É através dessa organização que conseguimos deixar nossos instrumentos em ordem, ensinar os 'bichos' a tocar e traçar a logística para convocar as pessoas aos ensaios", explica André Ama Brusco, diretor da bateriaESPM.

O mestre de bateria da FEA-PUC, André Herzog Kehde, conta que, além da questão organizacional, outra vantagem que a experiência lhe proporciona é a oportunidade de liderar. "Tem muito a ver com o curso. Comparo a bateria ao meio orga-

nizacional ou uma instituição na qual sou líder e tenho de aprender a tomar conta. No aspecto financeiro, implantamos uma mensalidade. Temos também um trabalho de marketing para promover nossa imagem, o que nos proporciona participar de mais eventos. Com essa experiência, acabo aprendendo a lidar com pessoas. Já me facilitou muito, por exemplo, quando tive de realizar entrevistas de trabalho", exemplificou Kehde.

Outro ponto sobre o qual todos concordam é que a bateria precisa ser levada a sério, exige dedicação diária, com reuniões e ensaio ao menos uma vez por semana, e contato direto com todos os membros. O que costuma tomar mais tempo e dar muito trabalho é a convocação

de todos os integrantes aos ensaios ou eventos -para evitar abstenções, não basta um e-mail com cópia, a chamada é individual. "Mas é um tempo prazeroso", frisa Kehde.

"Encaro como um estágio. Atinai, me ocupa o mesmo tempo. Somos apenas três pessoas para organizar tudo, desde ensaios até eventos. Durante as Economíadas (torneio de jogos direcionado a faculdades de Economia), só conseguia voltar para casa às 11 horas da noite. Quem está de fora não consegue imaginar a dimensão e o trabalho que dá. Mas é algo que faço com prazer porque se criam vínculos de amizade muito fortes. Faço questão de sempre participar, tenho muitos amigos e namorada lá", finaliza André.



Igor Fonseca, um dos responsáveis pela administração da Bateria S/A, da FEA-USP

Anúncio